

*Como falam os indígenas? Produção de documentos e vozes discursivas no movimento social mexicano neozapatista**

MARCELA ARAÚJO VITALI**

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar as formas e os recursos de comunicação utilizados pelo movimento indígena mexicano neozapatista. Dessa forma iremos analisar a operacionalização dos meios de comunicação por esse movimento, tal como a internet e a produção de discursos, lançados ao governo e à sociedade civil com fins de estratégia política. Além disso, consideramos importante apontar e discutir a presença e função de uma voz discursiva não indígena no interior do movimento neozapatista, como a do subcomandante insurgente Marcos e a presença e função de uma voz discursiva indígena, como a do denominado ancião “Viejo Antonio” a fim de comparar suas finalidades de representação em nome dos rebeldes.

Palavras-chave: Neozapatistas; Comunicação; Discursos; Subcomandante Marcos; *Viejo Antonio*.

Abstract: This article aims to present the forms and communication resources used by the Mexican indigenous neozapatista movement. Thus, we will examine the operation of the media by this movement, such as the Internet and the production of speeches, launched to the government and civil society with political strategy purposes. In addition, we consider important to point out and discuss the presence and function of a non-indigenous discursive voice within the neozapatista movement, like the insurgent Subcomandante Marcos and the presence and function of an indigenous discursive voice, such as the elderly called “Viejo Antonio” in order to compare their representation purposes on behalf of the rebels.

Keywords: Neozapatistas; Communication; Speech; Subcomandante Marcos; *Viejo Antonio*.

* Recebido em 05 de julho de 2015 e aprovado para publicação em 14 de agosto de 2015.

** Doutoranda em História no programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atualmente realiza pesquisa sob o título “Entre a educação Oficial e a educação autônoma indígena: uma análise sobre a proposta educacional neozapatista (2003-2013)” e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes). E-mail: m-vitali@hotmail.com.

As formas e os meios de comunicar-se

A aparição pública do movimento zapatista no dia 01 de janeiro de 1994 possibilitou aos seus expectadores o conhecimento, mesmo que conciso, sobre o movimento que há anos gestava-se nas montanhas da Selva Lacandona, junto às diversas etnias indígenas que ali viviam. Durante sua primeira ação militar,¹ o Exército Zapatista de Libertação Nacional realizou seu primeiro contato discursivo com a sociedade civil e o governo mexicano, através do comunicado intitulado “Primera Declaración de La Selva Lacandona” (EZLN, 1994, p. 33-35).

Este documento nos trouxe informações iniciais acerca desse movimento que se levantara em armas. Com seu primeiro material discursivo, os zapatistas através das palavras e frases do comunicado “falaram” aos mexicanos sobre suas origens, explicaram os motivos do levante armado e suas demandas,² mesmo que brevemente. Ao verificarmos alguns trechos do comunicado conseguimos compreender alguns desses aspectos.

Iniciam o texto direcionando-se para o povo do México e assim dizem: “Hermanos mexicanos” (EZLN, 1994, p. 33-35), dessa forma, pretendem demonstrar que os insurgentes são também cidadãos do país, e estão falando aos seus outros irmãos que neste momento desempenham o papel de expectadores da luta que se iniciará a partir de então. Para legitimar esta “familiaridade”, os zapatistas apresentam um discurso que se reporta a uma memória histórica de lutas, um discurso que se volta para os eventos e personagens da história mexicana, assim:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano,

¹ A primeira ação militar dos rebeldes diz respeito à ocupação de alguns municípios chiapanecos pelos zapatistas e aos enfrentamentos com o Exército Federal.

² As demandas levantadas pelos zapatistas em 1994 já haviam sido reivindicadas no “Congresso Indígena de Chiapas” em 1974, tais como: terra, alimentação, justiça, democracia e paz.

luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de las leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin impórtales que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin impórtales que no tenemos nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos (EZLN, 1994, p. 33-35).

O trecho acima, nos traz momentos da história nacional marcados pela exploração de seus colonizadores e governantes. Ao fazerem uso da história, além de demonstrarem conhecimento dos eventos, os zapatistas também estão indicando que são herdeiros daqueles que lutaram contra esta opressão. Assim, homens como Hidalgo, Morelos, Vicente Guerrero, Zapata e Pancho Villa³ foram personagens antecessores aos neozapatistas, que forneceram aos rebeldes um passado de lutas e resistências, que foi incorporado e exposto no levante armado.

A recuperação da história é realizada a partir da perspectiva daqueles que foram excluídos e marginalizados. Esta perspectiva se propõe a criar uma identificação social entre os rebeldes de Chiapas e os demais mexicanos, como sendo herdeiros do mesmo processo de contradições e disputas históricas. Também, pretende-se demonstrar que os rebeldes não são diferentes do restante da população, mas sim iguais, pois possuem um passado comum. Assim:

³ Miguel Hidalgo, José María Morelos e Vicente Guerrero fizeram parte do processo independentista do México no século XIX. Por sua vez, Emiliano Zapata e Pancho Villa foram personagens do contexto revolucionário que se iniciou a partir de 1910. À luz da história é possível analisar os processos em que estes personagens estiveram inseridos, assim como seus limites e contradições.

Chiapas no es otro México porque su historia es la misma que la de otras regiones del país con la diferencia de que en esta sureña provincia la ignominia compartida es más violenta (ENRIQUE RAJCHENBERG, S.; HÉAU-LAMBERT, Catherine, 1996, p. 41-57).

Ainda, numa tentativa de incitar o apoio civil nacional, os zapatistas indicam que desaprovam qualquer tentativa de aproximação do EZLN a movimentos guerrilheiros de cunho internacional ou ligados ao narcotráfico, logo “rechazamos de antemano cualquier intento de desvirtuar la justa causa de nuestra lucha acusándola de narcotráfico, narcoguerrilla, bandidaje u outro calificativo que puedan usar nuestros enemigos” (EZLN, 1994, p. 33-35). Deve-se salientar que após a aparição pública do EZLN, o presidente mexicano Carlos Salinas (1988-1994) divulgou uma nota à imprensa atribuindo as origens do EZLN a movimentos de guerrilha provenientes da Guatemala ou El Salvador – dada a proximidade geográfica das regiões em relação a Chiapas – e afirmou que os indígenas que compunham a maioria do movimento teriam sido manipulados por essas forças estrangeiras. Esta afirmação tentava deslegitimar a organização étnica e nacional do movimento, porém alguns dias após, Salinas reorienta seu discurso apontando as deficiências históricas do estado chiapaneco como impulsores da revolta (FUSER, 1995, p. 57).

Também, no documento, é possível verificar trechos que fazem alusão aos indígenas do México. Quando os zapatistas afirmam que “somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidade, los desposeídos somos millones [...]” (EZLN, 1994, p. 33-35), nos dão a entender que estão falando das inúmeras etnias existentes no país.⁴ Nos trechos seguintes o EZLN aponta a continuidade histórica de opressão no país, neste momento demonstrada a partir do Estado e dos partidos políticos, daí apresentam este primeiro pronunciamento como uma “declaração de guerra” (NIGRI, 2009, p. 62), assim estes rebeldes, inicialmente, estariam se

⁴ Cerca de 10 milhões de povos indígenas vivem no México, nas regiões centro e sul, representando inúmeras identidades étnicas indígenas (NAVARRETE, 2004, p. 7-8).

levantando contra o processo de exploração histórica, mas também contra o governo em vigor, que estaria sendo representado no momento por “una ditadura de más de 70 años encabezada por una camarilla de traidores que representan a los grupos más conservadores y vendepatrias” (EZLN, 1994, p. 33-35). Os setenta anos no qual os zapatistas se referem diz respeito ao longo período de hegemonia presidencial assumido pelo PRI – Partido Revolucionário Institucional - no México.

Ao final do século XX algumas das ações de governo do PRI atingiram de forma significativa as comunidades indígenas do país. A primeira delas diz respeito ao que intitulamos de medidas “assistencialistas”, desenvolvidas pelo então presidente Salinas (1988-1994), a partir dos anos finais da década de 1980. O chamado “PRONASOL” (Programa Nacional de Solidariedade) foi elaborado com o intuito de levar até às regiões mais pobres, coincidentemente habitadas por uma maioria populacional indígena, serviços básicos de saúde, transporte, educação e alimentação. Baseando-se na distribuição de verba pública federal a essas áreas, pretendia-se atender as principais necessidades econômicas e sociais das localidades, além das reivindicações assumidas pelas organizações e movimentos camponeses e indígenas desse período. Porém, o PRONASOL não atingiu os efeitos esperados, principalmente no estado de Chiapas, onde o zapatismo prosperou.⁵

A principal crítica lançada pelos zapatistas ao governo na “Primera Declaración de La Selva Lacandona”, diz respeito a essa medida, pois retira do indígena aquilo que historicamente lhes pertence: a terra. Contudo, os rebeldes também recorrem ao artigo 39 da Constituição Mexicana para legitimar seu grito de esperança, assim se respaldam na legalidade da Carta Magna para reivindicar a deposição do PRI e do governo Salinas, que acusam de ter prejudicado as comunidades índias do México e, por isso, “el

⁵ O PRONASOL em Chiapas obteve certo sucesso nos três primeiros anos de funcionamento: em 1989, 1990 e 1991. Porém, seu desenvolvimento sofreu interferências por parte das divergências entre os poderes políticos locais e as diretrizes nacionais de encaminhamento do projeto; a alta exigência burocrática, no que diz respeito a distribuição das verbas e sua aplicabilidade; e a manipulação e coerção governamental sobre as lideranças de movimentos sociais que atuavam no estado, criando assim uma rede de “clientes” do governo em detrimento das demandas assumidas pela maioria (ZIBECHI, 2010, p. 32-43).

pueblo tiene, en todo tiempo, el inalienable derecho de alterar o modificar la forma de su gobierno” (EZLN, 1994, p. 33-35).

O EZLN declara, ao final do texto, que a única saída que encontrou fora se levantar em armas e que estava por iniciar uma guerra contra o governo federal, pois esta seria a última alternativa que lhes restara. Conclamaram a sociedade civil mexicana a compreender as causas da sublevação do movimento, que neste mesmo documento, lhes foi justificada a partir da história nacional e das ações do governo priísta e, ao mesmo, tempo apresentaram suas demandas básicas, que se fossem atendidas, levariam à sobrevivência digna daqueles indígenas que foram esquecidos pelos seus governantes. Terminam por afirmar que:

PUEBLO DE MÉXICO: Nosotros, hombres y mujeres íntegros y libres, estamos conscientes de que la guerra que declaramos es una medida última pero justa. Los dictadores están aplicando una guerra genocida no declarada contra nuestros pueblos desde hace muchos años, por lo que pedimos su participación decidida apoyando este plan del pueblo mexicano que lucha por trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz. Declaramos que no dejaremos de pelear hasta lograr el cumplimiento de estas demandas básicas de nuestro pueblo formando un gobierno de nuestro país libre y democrático (EZLN, 1994, p. 33-35).

Após a divulgação do comunicado os zapatistas continuaram a publicar outros documentos, com o intuito de informar ao público sobre os principais acontecimentos que circundavam o estado de Chiapas, além disso, os comunicados divulgados no ano de 1994 foram direcionados a instancias da sociedade civil, órgãos do governo e a outros movimentos sociais e indígenas. Recorremos a esta declaração para exemplificar que, desde o princípio de sua aparição, os zapatistas apoiaram-se na ação discursiva e no uso das palavras, não somente para informar, mas, também com o intuito de fazer da prática um instrumento de enfrentamento e resistência política.

A publicação e administração dos comunicados se deram de diversas formas, desde então. O primeiro meio de difusão encontrado, foram os

periódicos mexicanos, em primeiro lugar os de circulação chiapaneca, como o “Tiempo” e, mais tarde, os de circulação nacional, tais como: “La Jornada” e “El Financiero”. Em um comunicado publicado no dia 18 de janeiro, firmado pelo subcomandante Marcos, os zapatistas direcionam-se para estes periódicos solicitando o apoio e a divulgação de seus documentos para que a comunidade civil pudesse se informar acerca dos acontecimentos primeiros. Assim Marcos afirma:

[...] recurrimos a ustedes para ver si es posible que por sus medios periodísticos los documentos sean del dominio público. Estos documentos contienen nuestra posición sobre los acontecimientos suscitados entre los días 7 y 13 de enero de 1994. Aclaro esto porque, para llegar hasta ustedes, el paquete de documentos debe recorrer días de camino por caminos reales, brechas y picadas y atravesar sierras y vales, brindar tanques de guerra, vehículos militares y miles de uniformes verde olivo, en fin, todo ese arsenal de guerra con el que pretenden intimidarnos. Olvidan ellos que una guerra no es una cuestión de armas o de un gran número de hombres armados, sino de política (EZLN, 1994, p. 70-72).

O relato por Marcos evidencia que para o EZLN torna-se importante a divulgação de informações escritas por seus membros, para que o leitor possa ter acesso aos eventos a partir da ótica dos rebeldes. Trata-se, assim, de um meio discursivo alternativo aos “oficiais” propagados pelo governo e pelos meios de comunicação do país, como a *Tv Azteca* ou *Televisa*,⁶ por exemplo. Também, é perceptível o esforço do movimento para fazer com que estas informações cheguem até seus leitores, tendo em vista que as áreas ao redor dos municípios tomados pelos rebeldes, neste momento inicial, estavam ocupadas militarmente pelo Exército Nacional.

Os periódicos assumiram a primeira forma de comunicação adotada, mas outro meio também foi ganhando espaço, nas semanas seguintes ao

⁶ A Televisa e a TV Azteca se constituem como as maiores redes de telecomunicações do México.

levante: a internet. O uso desse suporte, em primeiro lugar, se deu a partir da organização das redes de solidariedade que foram se formando no México e ao redor do mundo. Os comunicados começaram a circular na rede, sendo traduzidos para diversas línguas, ao mesmo tempo em que arraigavam mais apoiadores ou críticos para o movimento zapatista. A primeira página de apoio aos zapatistas foi criada nos EUA pelo professor da Universidade da Califórnia, Justin Paulson, sob o nome “Ya basta!” (FUENTES SÁNCHEZ, 2012, p. 19).

As especulações acerca do devido uso do ciberespaço pelos zapatistas levantaram diversas hipóteses, sobre como este processo era realizado. O jornalista Martin Langfield (LANGFIELD, 1995, p. 15) publicou no jornal argentino “*Página 12*” em 1995 uma matéria que abordava o tema e apresentou a informação de que o EZLN fazia uso da internet desde a região da Selva Lacandona. Não descartamos a parcela de contribuição advinda dessa informação, entretanto devemos salientar que em 1994 a internet era uma ferramenta nova e, no México, o uso desse instrumento ainda era pequeno, especialmente entre os setores mais marginalizados da sociedade (FUENTES SÁNCHEZ, 2012, p. 116). O EZLN somente inaugurou sua página oficial na internet em 1999, e a partir daí os próprios começaram a lançar seus comunicados diretamente na rede.⁷

Os zapatistas inicialmente fizeram o uso da rede de forma indireta, ou seja, a partir do que pode ser caracterizado como “estratégias de comunicação zapatista” (ORTIZ, BRIGE, FERRARI, 2006, p. 44). Estas, combinavam o trabalho dos membros do EZLN responsáveis pela escrita dos documentos, dos mensageiros zapatistas – aqueles que nos momentos iniciais do conflito percorreram a Selva Lacandona para levá-los aos representantes dos periódicos locais e nacionais – e dos apoiadores do movimento que os publicavam na internet. A partir desta organização os zapatistas conseguiam fazer o devido uso dos periódicos e da rede, ou seja, através do trabalho coletivo de seus membros e simpatizantes.

O sociólogo Manuel Castells, ao analisar os usos da internet pelo EZLN, os denomina de “primeiro movimento de guerrilha informacional”

⁷ O endereço da página é: <<http://www.ezln.org.mx>>.

(CASTELLS, 2003, p. 96). Para o autor, o principal ganho dos zapatistas ao utilizar a rede foi a organização de grupos internacionais de apoio e solidariedade que, por sua vez, influenciaram as formas de tratamento dadas pelo governo aos zapatistas. O governo mexicano teve que ter cautela e diplomacia ao lidar com as comunidades zapatistas, tendo em vista a opinião pública nacional e internacional que se voltou a Chiapas e ao país nos meses e anos posteriores ao levante.

Há também aqueles que identificam o uso da rede pelos zapatistas, como uma grande novidade dentre os movimentos sociais de final do século XX. Pedro Ortiz, Marco Brige e Rogério Ferrari defendem que o EZLN soube aproveitar os recursos da internet para atingir seus objetivos políticos, principalmente num contexto em que a ferramenta era uma grande novidade. Além disso, entendem que os zapatistas também foram responsáveis em promover uma verdadeira disputa de informações no ciberespaço, pois ao serem lançadas na rede, em páginas próprias ou de apoio, as informações zapatistas confrontavam com as oficiais, fornecidas pelo governo mexicano. Desta forma:

O governo mexicano, que durante quase sete décadas de monopólio do PRI no poder tentou exercer um controle explícito e reconhecido poder de influência sobre grande parte dos meios de comunicação do país, sobretudo quando se tratava da televisão e o megaimpério “Televisa”, teve que recuar quando as notícias vindas diretamente da zona de conflito desmentiram a visão oficial de que não havia ataques do exército federal sobre áreas civis. Os comunicados zapatistas e as denúncias dos organismos humanitários circulavam pelo ciberespaço quase em tempo real, abastecendo os ativistas de direitos humanos em todo o mundo e a imprensa internacional antes que os comunicados oficiais do governo (ORTIZ; BRIGE; FERRARI, 2006, p. 19).

Apesar de sua grande importância a internet dividiu espaço com outros meios de difusão, tais como: rádio, músicas e vídeos. A divulgação dos comunicados também ocorreu a partir da publicação de material

bibliográfico, entre eles livros e artigos.⁸ Além desses, também temos outros meios de propagação que engrandeceram a luta nos meses e anos posteriores, como “las consultas, las marchas y las reuniones públicas organizadas por los guerrilleros en la selva o por sus simpatizantes fuera de ella, han desempeñado un papel nada despreciable” (BERGHE, 2007, p. 37). A exemplo desses eventos, encontramos: a “Convención Nacional Democrática (1994)”, “La consulta (1995)”, o “Encuentro Intergaláctico contra el neoliberalismo y por la humanidad (1996)”, a “Marcha de la dignidad indígena (2001)”, “La marcha del silencio zapatista (2012)” e a realização das “Escuelitas zapatistas (2013)”. A grande relevância dessas manifestações e eventos é a proposta de diálogos e movimentos constantes entre os zapatistas e a sociedade civil, ou seja, escutar a voz que vem de fora para fortalecer a estrutura interna do movimento.

Os documentos emitidos pelo EZLN convertem-se em fontes e podem ser utilizados como obras primárias. Entendemos que estes foram produzidos em determinados contextos políticos e sociais que derivaram de situações enfrentadas pelo EZLN. Logo, apresentam-se como representações produzidas pelos zapatistas e que estão atreladas ao meio; além disso, são responsáveis pela formação e caracterização do discurso do movimento (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 378). Porém, devemos ter em conta algumas considerações importantes acerca de suas estruturas e criadores.

Os comunicados zapatistas apresentam-se, na grande maioria, em forma de cartas, possuem destinatários e interlocutores – ao povo do México, a um representante político, a um partido, crianças, mulheres, intelectuais etc. -, apresentam datas, local de origem, além de virem acompanhadas de “posdatas”.⁹ Estas últimas são inclusões do subcomandante Marcos e,

⁸ Um exemplo da compilação dos comunicados zapatistas foi a publicação, pela Editora Era, dos documentos emitidos de 1994 até 2001. Assim se encontram organizados: EZLN. *Documentos y comunicados*. Tomo 1. México: ERA, 1994; EZLN. *Documentos y comunicados*. Tomo 2. México: ERA, 1995; EZLN. *Documentos y comunicados*. Tomo 3. México: ERA, 1997; EZLN. *Documentos y comunicados*. Tomo 4. México: ERA, 2003; EZLN. *Documentos y comunicados*. Tomo 5. México: ERA, 2003.

⁹ Em português significa “pós-escrito” e dá a noção de destaque a alguma ideia que se queria lembrar ao final do texto.

a partir destas, expõe seus textos, que podem configurar-se em distintas formas discursivas, tais como: contos, poemas, relatos e alegorias. O gênero epistolar, que caracteriza os documentos, possibilita a ideia de construção de possíveis diálogos entre os zapatistas e aqueles que os leem, também torna possível o recebimento de opiniões alheias, como se a construção comunicativa e de demandas fossem contínuas.

A voz criadora e discursiva do EZLN pode ser representada pelo CCRI-CG (Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comandância Geral),¹⁰ formado majoritariamente por indígenas que compõem as regiões chiapanecas onde o zapatismo se formou e atua e, entre eles, temos homens e mulheres. O surgimento desse órgão remete-se ao ano de 1992, quando os membros do EZLN planejavam sua participação política nos eventos comemorativos dos “500 anos da América” em Chiapas e em 1993, quando as bases do movimento reuniram-se novamente para acertar o eventual levante público que iriam realizar no ano seguinte, em 1994.

Desde a sublevação, conhecemos a voz emitida por esse órgão, pois todos os comunicados oficiais que se remetiam aos primeiros eventos e ao EZLN vieram assinados por ele. Num documento divulgado no dia 06 de janeiro de 1994 os zapatistas apresentaram sua composição social e política, e nele notamos a descrição do CCRI-CG:

Actualmente, la dirección política de nuestra lucha es totalmente indígena, el 100 por ciento de los miembros de los comités clandestinos revolucionarios indígenas en todo el territorio en combate pertenecen a las etnias tzotzil, tzeltal, chol, tojolabal y otros (EZLN, 1994, p. 74).

Assim, entendemos que os documentos firmados pelo comitê, além de informar, também reforçam a identidade étnica indígena presente nas

¹⁰ O CCRI-CG, além de função comunicacional, também representa uma das estruturas políticas do EZLN. Composto por 12 membros, estes representam as etnias indígenas que formam as bases do movimento, como: tzeltal, tzotzil, zoque, tojolabal, chol e mam (MOLINA, 2000, p. 211).

estruturas do movimento zapatista, ou seja, suas bases comunicacionais pretendem firmar-se num discurso que seja proveniente dos grupos indígenas em que estão sustentados, porém devemos nos atentar também em como é realizada a tomada de decisões acerca do que será publicado como comunicado oficial (BERGHE, 2005, p. 60-61). Nesse sentido, afirmamos que o CCRI-CG mantém-se em contato com as bases indígenas através de “representantes comunitários”, que vem a representar cada grupo que compõe as bases da região onde o EZLN atua. Estes, a partir de consultas e assembleias tentam levar as resoluções comunitárias ao CCRI-CG para que, então sejam publicados em nome do zapatismo. Mesmo com esta prática, não podemos descartar a hipótese de ter o órgão certa autonomia comunicacional e política nas tomadas de decisões e na construção de discursos.

Em um documento do dia 11 de janeiro de 1994, os zapatistas também afirmaram que não aceitariam que a voz indígena fosse apresentada por aqueles que não os representassem e que só poderiam falar em nome dos rebeldes aquele ou aqueles que assim fossem autorizados. O documento nos mostra que a mediação e representatividade em nome do zapatismo apenas se realizariam a partir da autorização e aprovação de seus membros. Dessa forma:

[...] rechazamos también cualquier otra propuesta o auto propuesta de tomar nuestra voz y nuestra palabra, nuestra voz empezó a caminar desde siglos y no se apagará nunca más. En cambio, saludamos y recibimos bien todos los intentos y propuestas, hechas de buena fe y con honestidad, de intermediación entre este EZLN y el gobierno federal (EZLN, 1994, p. 79).

Neste sentido, percebemos que além do CCRI-CG também é possível identificar a enunciação da voz indígena zapatista a partir de seus mediadores, ou como os próprios denominam, a partir de seus “porta-vozes”. Desde 1994, alguns membros do movimento destacaram-se nessa função, tais como: o subcomandante¹¹ Marcos, os comandantes Moisés e

¹¹ O termo “subcomandante” nas estruturas militares e políticas do EZLN faz referência

Tacho, e as comandantes Ramona e Ana María, são alguns dos exemplos. Sabemos que a escolha e nomeação dos “porta-vozes” zapatistas atendem, principalmente, a critérios de estratégia política e tentam não se basear em padrões de favoritismo (BERGHE, 2005, p. 63). A função destes seria a de transmitir em nome do zapatismo as mensagens e informações que lhes foram ordenadas pelo CCRI-CG.

A voz “não indígena” no discurso neozapatista: o subcomandante Marcos

Entre os “porta-vozes” zapatistas aquele que se sobressaiu, a partir de 1994, foi o subcomandante insurgente Marcos. Membro militar e político do movimento, o subcomandante começou a ganhar visibilidade a partir das primeiras tentativas de diálogos realizadas entre o EZLN e o Estado mexicano nos primeiros meses após a sublevação, na Catedral de San Cristóbal de las Casas, em Chiapas. Porém, antes mesmo do referido contexto, o CCRI-CG havia declarado que só seriam aceitos como documentos oficiais zapatistas aqueles que viessem firmados pelo órgão e pelo subcomandante. Com isso, torna-se claro que o próprio movimento dá a Marcos sua parcela de importância na ação discursiva zapatista (EZLN, 1994, p. 79).

Primeiramente, sobre Marcos, sua identidade foi alvo de especulações e muitos foram aqueles que tentaram desvendá-la. Em fevereiro de 1995 o governo mexicano, através do presidente priísta Ernesto Zedillo,¹² divulgou em rede nacional sua possível identificação. A versão oficial o denominava “Rafael Sebastián Guillén Vicente”, nascido em Tampico – norte do México –, teria estudado filosofia na UNAM – Universidade Nacional Autônoma do México –, e migrado à Selva Lacandona, em Chiapas, no início dos anos de 1980 (LE BOT, 1997, p. 12-13).

a Marcos, que entre todos, é o representante não indígena do movimento. Daí, que sua posição de “sub” representa certa subordinação aos demais membros do movimento, que são majoritariamente indígenas. Estes por sua vez, seguem a nomenclatura “comandante”.

¹² O presidente Ernesto Zedillo, pertencente ao PRI (Partido Revolucionário Institucional) governou o México de 1995 até 2000.

Sabemos que Marcos chegou à Selva Lacadona para se integrar aos demais guerrilheiros que faziam parte das FLN (Forças de Libertação Nacional), núcleo que em 17 de novembro de 1983 daria origem ao EZLN,¹³ porém, o fato de não ser indígena, dentro de um movimento majoritariamente índio, fez de Marcos uma figura misteriosa ao público externo e muitos foram aqueles que indagaram sobre sua verdadeira identidade e sobre a centralidade e importância que assumiu dentro do movimento zapatista.

É notório que as indagações surgiram, em maior evidência, a partir do governo federal mexicano que pretendia, logo nos anos iniciais ao levante, capturar as principais lideranças – indígenas ou não – do EZLN, daí as diversas suposições sobre aquele que supostamente seria o “líder” da rebelião. A primeira estratégia encontrada pelos rebeldes foi divulgar e ampliar a ideia que de todos poderiam ser Marcos, logo a frase: “Todos somos Marcos!” se popularizou entre os simpatizantes do movimento a partir de 1994. Além de driblar o governo nas investigações que estavam sendo realizadas, também foi possível demonstrar que a imagem do subcomandante poderia representar todos aqueles que sofriam algum tipo de discriminação étnica, cultural, sexual, social ou econômica, ou seja, sua imagem seria a representação dos subalternos e marginalizados. Assim, Marcos e os indígenas do EZLN seriam todos zapatistas:

Marcos é gay em São Francisco, negro na *África* do Sul, asiático na Europa, hispânico em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, roqueiro na cidade universitária, judeu na Alemanha, feminista nos partidos políticos, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, artista sem galeria e sem portfólio, dona de casa num sábado à tarde, jornalista nas páginas anteriores do jornal, mulher no metropolitano depois das 22h, camponês sem-terra, editor marginal, operário sem trabalho, médico sem consultório, escritor sem livros e sem leitores e, sobretudo, zapatista no Sudoeste do México. Enfim,

¹³ Cf. Yvon Le Bot; Carlos Tello Díaz e Guilherme Gitahy de Figueiredo.

Marcos é um ser humano qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, exploradas, dizendo ¡Ya basta! Todas as minorias na hora de falar e majorias na hora de se calar e aguentar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra. Tudo que incomoda o poder e as boas consciências, este é Marcos (EZLN, 1994, p. 239).

Para além dos questionamentos acerca de sua identidade o que nos importa não é identificar sua caracterização real, mas sim perceber que o subcomandante ocupou espaços dentro do EZLN que transpassaram as funções meramente políticas e militares.

No prólogo do livro “Relatos de el Viejo Antonio: Subcomandante Insurgente Marcos”, Armando Bartra relata o mito tzotzil, que conta o roubo de um livro indígena por um mestiço (BARTRA, 1998, p. 07-17). Este se autodenominava conhecedor de toda a sabedoria, por isso o livro deveria estar em suas mãos; por sua vez, o objeto roubado representava a palavra indígena, personificada no livro. Bartra conta a história para fazer alusão ao esquecimento histórico, no qual tantas comunidades indígenas do México estiveram sujeitadas. Afirma que “as palavras indígenas” roubadas só foram devolvidas anos mais tarde, por outro mestiço, em 1994. Assim:

Y la voz de los mayas chiapanecos susurraba su mensaje en libros, folletos y periódicos, pero sólo fue escuchada por todos cuando se hizo acompañar por el tronido de las armas. “El libro” regresó, en verdad, a manos de los tzotziles el primero de enero de 1994, día en que nos amanecemos con el conque de que los indios acababan de tomar Ciudad Real y gracias a ello habían tomado también la palabra (BARTRA, 1998, p. 15).

Na história acima, o subcomandante Marcos é o “tradutor” das palavras indígenas ao mundo exterior, ao mundo ocidental. Contudo, a função do mestiço não se baseia apenas na simples tradução da língua tradicional ao espanhol, mas vai além (BERGHE, 2005, p. 63). Como exemplifica Bartra, o trabalho de Marcos significou uma tradução de elementos concernentes a mundos distintos, às vezes tão difíceis de serem

compreendidas por seus receptores. Os próprios zapatistas afirmam que o subcomandante Marcos assumiu a função de “porta-voz” com o intuito de levar a mensagem dos rebeldes ao público externo e que assim possa ser compreendida. Dessa forma haveria uma divisão de trabalho consentida nas estruturas políticas e comunicacionais do EZLN, refletida em suas bases e em seus “porta-vozes” que devem falar em nome da coletividade (BERGHE, 2005, p. 62-63)

Além da função apresentada acima, Marcos também desenvolveu habilidades discursivas que vieram acompanhadas de produções firmadas junto ao CCRI-CG, sendo assim parte integrante do discurso zapatista. Seu primeiro texto foi publicado em 27 de janeiro de 1994 através do texto intitulado: “Chiapas: el Sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía” (EZLN, 1994, p. 49-66). Este, havia sido escrito em 1992 e buscava apresentar aos mexicanos as considerações indígenas acerca das condições políticas, econômicas e sociais do estado de Chiapas. Jan de Vos nos indica que o texto foi utilizado por Marcos em cursos de história e análise política, ministrados entre os militantes do EZLN e, também, serviu de instrumento de preparação para o levante que se realizaria dois anos depois (VOS, 2002, p. 325).

Dividido em quatro capítulos, Marcos é o narrador do texto e convida os leitores a conhecerem a verdadeira história do estado chiapaneco, pois após o levante, muitos foram os que especularam os motivos da rebelião e dessa forma seria mais do que necessário escrever minuciosamente sobre a região onde o zapatismo se formou, mostrando as motivações locais para a rebelião. Apesar de ser o autor principal do texto o comunicado também veio firmado pelo CCRI¹⁴ e as palavras iniciais indicam a possível participação indígena na produção, assim afirmam que “los derechos de autor pertenecen a los insurgentes, los cuales se sentirán retribuidos al ver algo de su historia a nível nacional” (EZLN, 1994, p. 49-66). Esta é uma pequena evidência da divisão do trabalho entre os membros do EZLN e Marcos no que diz respeito às funções comunicacionais.

¹⁴ Nos primeiros parágrafos do texto o CCRI-CG faz a apresentação do comunicado enfatizando a autoria de Marcos no que diz respeito ao comunicado.

O texto apresenta quatro capítulos e estão subdivididos a partir do que Marcos denomina de ventos: o primeiro é o “viento de arriba” e o segundo o “viento de abajo”. Segundo o narrador, o “viento de arriba” seria a representação das condições históricas de Chiapas, assim como também a representação do governo chiapaneco, que Marcos denomina de “virrey”, fazendo uma alusão à época colonial, no que diz respeito às relações de subordinação entre metrópole e colônia, ou seja, entre governo federal mexicano e governo estadual chiapaneco. O subcomandante convida os leitores a fazerem uma viagem pelo estado, passando por suas principais regiões, tais como: Palenque, Ocosingo, Altamirano, Simojovel, Comillas. Dessa forma nos apresenta, nas páginas iniciais, as riquezas naturais, agrícolas e energéticas, mas em contrapartida também nos mostra que essas riquezas, que configuram Chiapas como uns dos estados mais ricos do país, não resultam em desenvolvimento social e econômico. Afirma que o Estado federal e o governo estadual não investem em educação, indústria, saúde e alimentação, mas pelo contrário, preferem governar a partir da aplicação de medidas assistencialistas às comunidades indígenas de Chiapas e a favor do sistema capitalista, com a exploração e extração das riquezas do país.

O “viento de abajo” é descrito por Marcos como aquele que representa os que historicamente foram subordinados pelo poder, mas que nunca deixaram de resistir e lutar. Estes seriam os indígenas e para exemplificar a resistência nos apresenta várias manifestações e revoltas índias que aconteceram em municípios do estado no ano de 1992, mesmo ano de produção do documento e da marcha indígena *Xi' Nich* que levou muitas comunidades à capital da república.

Para Marcos, estes dois ventos iriam se encontrar e esse momento causaria uma enorme tormenta. Esta ocasião inicial seria sentida pelos rebeldes no 1º de janeiro de 1994, além dos desafios que viriam a ser enfrentados pelos zapatistas nos meses e anos posteriores. Por sua vez, o texto é finalizado com a apresentação de uma profecia, com uma previsão do desfecho desse longo período de luta, assim Marcos afirma que “cuando amaine la tormenta, cuando lluvia y fuego dejen en paz otra vez la tierra, el mundo ya no será el mundo, sino algo mejor” (EZLN, 1994, p. 49-66). A mensagem transmitida nas linhas finais do documento baseia-se

na afirmação e crença de que somente a resistência e luta indígena serão capazes de promover mudanças para a vida desses indivíduos.

A partir de então, alguns intelectuais¹⁵ se debruçaram sobre a produção de Marcos com o intuito de analisar e caracterizar seu trabalho, ou até mesmo, aproximar ou distanciá-lo do discurso zapatista. Houve aqueles, que, de forma entusiasmada, o denominaram como “el mejor escritor latino-americano de nuestros días, el más modernista, el más libre, el de mayor repercusión” (DEBRAY, 1995). Ou aqueles que o acusaram de um tradicionalismo revolucionário que “por debajo del lenguaje fresco [...] sigue supurando la intransigencia de los viejos activistas de los años setenta” (DE LA GRANGE; RICO, 1997, p. 368). Porém, talvez o que mais tenha chamado a atenção dos críticos foi a multiplicidade de temas abordados em seus textos, o que caracterizaria um estilo de escrita “plurigenérica” (PULLICER, 1996, p. 199-208), onde política, economia, aspectos sociais e étnicos eram apresentados.

Para a pesquisadora Kristine Vanden Berghe, não foi somente a produção textual de Marcos que ganhou destaque junto aos zapatistas, mas também o próprio subcomandante assumiu certo papel protagônico discursivo dentro do movimento, provocando dúvidas em relação à mediação e representatividade exercida nas estruturas do EZLN. Em sua pesquisa, aponta deslizos e conflitos entre as vozes discursivas que representam o zapatismo, mas não retira de Marcos sua importância e nem o aponta como aquele que reduz a voz indígena ao segundo plano. Assim defende que devemos analisar as vozes zapatistas separadamente para melhor compreensão, mas não devemos deixar de levar em conta que essas vozes agem em prol de um objetivo político comum: a emancipação das etnias indígenas formadoras do zapatismo. Assim Berghe propõe:

En el contexto de una guerra que se libra en gran medida en los medios de comunicación y en la que el trabajo de la escritura constituye uno de los actos principales del drama, el que maneja las armas verbales no puede sino

¹⁵ Manuel Vásquez Montalbán; De la Grange e Maite Rico; Alejandro Raiter; José Rabasa; etc.

tener un gran poder y una enorme responsabilidad, incluso se escribe por encargo. Si en la teoría puede ser interesante distinguir entre las funciones de portavoz, traductor y dirigente, en el funcionamiento real de la guerrilla zapatista tales distinciones son probablemente menos relevantes de lo que puede aparecer (BERGHE, 2005, p. 69).

Em 1995 os zapatistas lançaram um comunicado que definia o papel de Marcos nas estruturas comunicacionais do movimento. O texto enfatizava que “el EZLN no es sólo Marcos” (EZLN, 1995, p. 332-339), mas também composto por “muchos compañeros igual o más capaces que Marcos para explicar nuestra lucha, para dirigir nuestro movimiento y para mandar obedeciendo” (EZLN, 1995, p. 332-339). Além disso, os próprios reconheceram que assumiu o subcomandante destaque nos meses iniciais ao conflito e assim seguia na mesma posição, porém afirmaram que tentariam diminuir esta condição, logo:

Las peculiares circunstancias de enero de 1994 hicieron que la atención se concentrara en la impertinente nariz que se ocultaba, inútilmente, detrás de un pasamontañas negro de lana. La necesidad de un traductor entre la cultura indígena zapatista y de la cultura nacional e internacional provocó que la obvia nariz, además de estornudar, hablara y escribiera. [...] Pero no nos quedamos en reconocer este protagonismo que fue, no pocas veces, contraproducente a la justa causa que nos anima. Durante todos estos meses, los compañeros del Comité se han preparado intensamente para llevar, en su voz, la voz de todos, y para que esta voz sea escuchada y entendida por todos ustedes. Los protagonistas reales serán ahora formales (EZLN, 1995, p. 332-339).

Entendemos também que o subcomandante possui autonomia autoral¹⁶ e o que escreveu a partir de 1994 foi resultado de sua formação

¹⁶ Além dos comunicados oficiais que assinou ao lado do CCRI-CG e dos textos produzidos individualmente em nome do zapatismo, há também produções autorais do

pessoal e dos seus anos de experiência e sobrevivência junto às comunidades da Selva Lacandona, desde o início dos anos de 1980, quando os primeiros guerrilheiros formadores do EZLN chegaram à região. Daí torna-se importante ter em vista que a produção individual de Marcos representa a existência de um vasto material documental que nos leva a compreender outras características e estratégias do movimento zapatista que estão além das apresentadas nos comunicados oficiais.

Em uma conferência realizada na França nos anos de 1960, Michel Foucault tentou responder brevemente a seguinte questão: “O que é um autor?”. Respondeu indicando que este conceito durante muito tempo caracterizou-se como a ideia de um nome próprio ou da ligação entre o autor e sua obra, sem levar em consideração as formações advindas desta relação. Aos olhos da crítica literária moderna e da filosofia, Foucault propõe os deslocamentos das estruturas em que o autor foi produzido e os discursos que ele e suas obras fomentaram. Autor, obra e escrita não podem ser tidas como unidades isoladas ou homogêneas, e sim devemos enxergá-las a partir dos discursos sociais e culturais que produziram e ao qual pertencem. Assim define o autor:

[...] a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela nasce e se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas em todas as civilizações; ela é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar (FOUCAULT, 1969, p. 73-104).

O que aconteceu, desde 1994, foi a criação de uma supremacia discursiva atribuída ao subcomandante em nome do EZLN, ou seja, uma

subcomandante, tais como: “A 4ª guerra mundial já começou” (1997); “A história das cores” (2003) e “Mortos incômodos” (2006);

personificação do movimento, levando algumas vezes à ideia de redução da voz indígena à voz de Marcos. Porém, afirma Foucault que na ordem do discurso pode-se colocar e existir mais de um autor ou atores, teorias, tradições e disciplinas que irão formar a complexa posição “transdiscursiva”, ou seja, a existência de múltiplas vozes pertencentes a um discurso (FOUCAULT, 1969, p. 73-104).

Tendo em vista estas observações, entendemos que a voz do subcomandante está atrelada ao discurso zapatista, mesmo que por muitas vezes Marcos apresente criações individuais. Dessa forma, iremos apontar uma das produções de Marcos e esta se dará em torno do personagem-protagonista de algumas de suas histórias, denominado “El Viejo Antonio”,¹⁷ um ancião indígena que narra a Marcos aspectos da cosmovisão indígena maia.

A voz indígena no discurso neozapatista: o “Viejo Antonio”

O Velho Antônio teve sua primeira aparição num texto escrito pelo subcomandante Marcos em maio de 1994 (EZLN, 1994, p. 239-244). Neste comunicado, Marcos afirma tê-lo conhecido em 1984 em uma comunidade indígena na região da Selva Lacandona. Também aponta que o ancião morreu algum tempo após a sublevação zapatista. A apresentação das palavras finais do ancião, neste documento, indica que uma de suas ações em vida foi ter repassado a Marcos os ensinamentos necessários para se engendrar a luta que os zapatistas iriam enfrentar. Seguem alguns trechos do documento:

Se murió el viejo Antonio. Lo conocí hace 10 años, en una comunidad muy adentro de la selva. Fumaba como

¹⁷ Além do *Viejo Antonio* outro personagem que também aparece em muitas das histórias escritas pelo subcomandante Marcos é o *Don Durito de la Lacandona*. Este seria um escaravelho que conversava com Marcos acerca do neoliberalismo, política e economia mexicana. As histórias entre Marcos e *Don Durito*, além de terem sido publicadas juntamente a alguns dos comunicados oficiais do EZLN, desde 1994, ganharam uma compilação produzida pelo Cento de Investigación e Análise de Chiapas (CIACH), em 1998.

nadie y, cuando se acababan los cigarros, me pedía tabaco y se hacía cigarrillos con “doblador”. [...] Me dice Antonio hijo que el viejo Antonio se puso muy grave de pronto, que ya no quiso que me avisaran y que esa noche se muriera. Dice Antonio hijo que, cuando le insistían en que me avisarían, el viejo Antonio sólo dijo: “No, ya le dije lo que tenía que decirle... Déjelo, ahora tiene mucho trabajo [...]” (EZLN, 1994, p. 239-244).

Mas, seria este sujeito uma criação literária de Marcos ou uma figura real? Poucos estudos dedicados ao Velho Antônio existem no âmbito acadêmico, principalmente no Brasil. Em grande maioria, as investigações centraram-se em Marcos – como autor e narrador dessas histórias em que o ancião aparece – ou somente no EZLN, em seus diversos aspectos enquanto movimento indígena e social. Porém, alguns autores podem contribuir com seus trabalhos acerca dessa indagação.

O sociólogo Yvon Le Bot realizou uma entrevista com Marcos em 1996 e lhe fez a seguinte pergunta sobre o Velho Antonio:

Yvon Le Bot: Disse-me que o Velho Antonio era um personagem chave que existiu realmente, que não era uma criação literária [...]?

Marcos: Sim... O Velho Antonio morreu em 1994, em junho, mas o conheci em 1984. Quando o vi em março de 1994 já estava muito doente; [...] o filho dele, que tem mais ou menos a minha idade, veio dizer-me, em junho, que tinha morrido tuberculoso e que não quis que me incomodassem. Também me trouxe dele uma história, o seu testamento. É essa história sobre a origem do *passamontañas*, os deuses que se sacrificaram para fazer o Sol e a Lua, o carvão que é negro e que oferece a luz, etc. Mandou-me essa história e a escrevi num *post-scriptum*, e começo a lembrar-me dele e de outras histórias que me contou e que escrevi mais tarde (LE BOT, 1997, p. 95).

O relatado nos indica uma provável existência do ancião, além disso, há outras evidências nos textos escritos por Marcos, tais como:

El viejo Antonio padeció de tuberculosis (12 de junio de 1994); era un grande cazador (24 de agosto de 1994); llevaba siempre una morraleta al hombro y una vieja escopeta en la mano (22 de septiembre de 1994); era el único que podía franquear todas las postas zapatistas en la montaña y entrar donde fuera sin que nadie se atreviera a impedirle al paso (22 de septiembre de 1994); su poblado está cerca de la laguna Miramar, ya que una noche invitó a Marcos a probar allí su cayuco (9 de junio de 1995); su mujer se llama Juanita y con ella tuvo, además de Antonio hijo, una hija que murió muy niña (17 de julio de 1997) (VOS, 2002, p. 367).

Além dessas referências, compreendemos o Velho Antônio como uma representação simbólica das etnias indígenas que habitaram a região onde o zapatismo prosperou. Compartilhamos a ideia de Carla Valdespino (VALDESPINO, 2009, p. 19) que aponta ser o Velho Antônio participante do processo de transformações que sofreu a Selva Lacandona na segunda metade do século XX e o subcomandante Marcos, ao ter contato com essa realidade em meio às décadas de 1980 e 1990, transformou o ancião em um personagem literário que pudesse levar ao conhecimento dos leitores aspectos concernentes ao mundo indígena, assim o identificamos como um sujeito participante da história de Chiapas e do EZLN.

As histórias narradas pelo Velho Antônio a Marcos apresentam elementos diversos, tais como: os deuses maias criadores do mundo, como Ik'al e Votán; personagens da história mexicana, como Emiliano Zapata; elementos da natureza, como a noite, as estrelas, o dia, as nuvens, a chuva, as montanhas e a selva; elementos abstratos, como o tempo e os sonhos; e por fim, notamos também a presença de Marcos e do Velho Antônio na grande maioria dos relatos, ambos assumindo os papéis narrativos e protagônicos.

Dessa forma o Velho Antonio enuncia sua voz e se faz ouvir a partir de Marcos. Nesta relação a oralidade se transforma em escrita, em elemento discursivo que integra as estruturas do discurso zapatista. Compreendemos esta relação a partir do que Stuart Hall intitula de “relações de representação”, (HALL, 1996, p. 441-449) ou seja, o subcomandante ao escrevê-las estaria proporcionando a representação das etnias indígenas

que compõem o zapatismo, a partir do ancião. Gabriela Coronado, afirma que ao transformar os relatos orais em histórias escritas, o subcomandante mantém viva a história dos membros dos grupos indígenas, revalorizando ao mesmo tempo, seus laços de pertencimento étnicos (GABRIELA CORONADO, 1993- p. 60-63). Ezequiel Maldonado observa que os relatos do Velho Antônio, ao se firmarem de forma escrita, projetam as possibilidades de reflexão e mudanças no futuro, desde uma perspectiva indígena (EZEQUIEL MALDONADO, 2001, p. 141-153).

Devemos nos atentar ao fato da representação indígena, a partir do Velho Antônio, ser reconhecida ou não pelas etnias que formam as bases do EZLN. Quanto a isso não há documentos zapatistas que apresentem uma versão ou postura das bases diante dos escritos de Marcos, porém uma evidência de aceitação pode ser as publicações dos textos de Marcos acoplados aos documentos oficiais do EZLN que vêm firmados pelo CCRI-CG, órgão que por sua vez representa a voz advinda das bases políticas e sociais do movimento.

Afirmar que a enunciação da voz do ancião se dá a partir dos escritos do subcomandante Marcos é reconhecer o papel de tradução que este último exerce e que, por sinal, apresenta inúmeros perigos e limitações. Quanto a isso entendemos que podem ocorrer substituições, modificações e criações (SPIVAK, 2010, p. 09) no trabalho de Marcos e que além de ofício intelectual, esta ação também se converte em ofício político (SOUSA SANTOS, 2009, p. 143).

Ao traduzir, o subcomandante promove a enunciação da voz indígena. Porém, não é iniciativa primeira de Marcos este trabalho. Gloria Alicia (CAUDILLO FÉLIX, 2005, p. 25-53) refaz a trajetória histórica do silenciamento da voz indígena na América Latina e indica que, em alguns momentos, a ausência de uma representatividade autônoma levou à formação de diversas formas de resistências que se baseavam em utopias encontradas no imaginário desses povos (GARCÍA DE LEÓN, 1985, p. 74-76). Ao analisar a história do México a autora indica que um dos períodos históricos de maior repressão da voz indígena na contemporaneidade se deu no século XX, com as políticas indigenistas promovidas pelo Estado Nacional que, por sua vez, não obtiveram os resultados esperados, na medida em que ao

pregar uma homogeneização cultural e étnica, apagando as diretrizes próprias desses grupos, fracassaram e resultaram na organização dos mesmos. Alicia aponta que a voz indígena voltou a ser ouvida, a partir dos anos de 1960 e 1970, incentivada pelos seguintes acontecimentos históricos: publicação da Declaração de Barbados (1971), organização de movimentos sociais indígenas e o surgimento dos “intelectuais indígenas”; estes últimos, em especial, foram os responsáveis em tornar o discurso índio vivo novamente.

Referências

- BARTRA, Armando. Mitos en la aldea global. In: MARCOS, Subcomandante Insurgente. *Relatos del el Viejo Antonio*. San Cristóbal de Las Casas: CIACH, 1998.
- BERGHE, Kristine Vanden. *Narrativa de la rebelión zapatista: los relatos del subcomandante Marcos*. Vervuert: Iberoamericana, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de textos. In: _____. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Tradução de Alexandra Lemos e Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. v. 2.
- CAUDILLO FÉLIX, Gloria Alicia. *El discurso indio en la América Latina*. México: Universidad de Guadalajara, 2005.
- DE LA GRANGE, Bertrand; RICO, Maite. *Marcos: La ingenial impostura*. México: Nuevo Siglo Aguilar, 1997.
- DEBRAY, Régis. A demain Zapata. *Le Monde*, Paris, mai. 1995.
- ENRIQUE RAJCHENBERG, S.; HÉAU-LAMBERT, Catherine. Historia y simbolismo en el movimiento zapatista. *Revista Chiapas*, México, n. 2, 1996.
- EZEQUIEL MALDONADO. Los relatos zapatistas y su vínculo con la oralidad tradicional, *Convergencia*, v. 8, n. 24, ene.-abr. 2001.
- EZLN. *Documentos y comunicados*. “Chiapas el Sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía”. Tomo 1. México: ERA, 1994

- EZLN. *Documentos y comunicados*. “Composición del EZLN y condiciones para el diálogo”. Tomo 1. México: ERA, 1994.
- EZLN. *Documentos y comunicados*. “Factores verde olivo motivaron mi ausencia”. Tomo 2. México: ERA, 1995.
- EZLN. *Documentos y comunicados*. “Los arroyos cuando bajan”. Tomo 1. México: ERA, 1994.
- EZLN. *Documentos y comunicados*. “Oferta del PFCRN, recientes ataques del Ejército Federal, atentados terroristas, nombramiento del comisionado para la paz, 18 de enero”. Tomo 1. México: ERA, 1994.
- EZLN. *Documentos y comunicados*. “Presentación de Marcos a seis comunicados”. Tomo 1. México: ERA, 1994.
- EZLN. *Documentos y comunicados*. “Primera Declaración de la Selva Lacandona”. Tomo 1. México: ERA, 1994.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, ano 63, n. 3, jul.-set.1969.
- FUENTES SÁNCHEZ, Waldo Lao. *Autonomia zapatista: o projeto de integração dos movimentos latino-americanos a partir de baixo e junto com os de fora*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- FUSER, Igor. *México em transe*. 2. ed. São Paulo: Escrita, 1995.
- GABRIELA CORONADO, Susan. La literatura indígena: una mirada desde afuera. In: *Situación actual y perspectivas de la literatura en lenguas indígenas*. México: CONACULTA, 1993.
- HALL, Stuart. New Ethnicities. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (Org.). *Stuart Hall. Critical Dialogues in Cultural Studies*. New York: Routledge, 1996
- LANGFIELD, Martin. Los zapatistas ganan la guerra del ciberespacio. *Página 12*, 15 dez. 1995.
- LE BOT, Yvon. *O Sonho Zapatista*. Tradução de Pedro Baptista. Portugal: Edições Asa, 1997.
- MOLINA, Iván. *El pensamiento del EZLN*. México: Plaza y Valdés, 2000.
- NAVARRETE, Federico. *Las relaciones interétnicas en México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

- NIGRI, Sarah Domingues da Rocha. ¡Nunca más un México sin nosotros!: um estudo sobre as novas representações do indígena construídas pelo movimento zapatista mexicano (1994-1996). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- ORTIZ, Pedro; BRIGE, Marco; FERRARI, Rogério. *Zapatistas: a velocidade do sonho*. Brasília: Entrelivros – Thesaurus, 2006.
- PELLICER, Juan. La gravedad y la gracia: el discurso del subcomandante Marcos, *Revista Iberoamericana*, v. LXII, n. 174, ene.-mar. 1996.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Una epistemología del sur: la reinención del conocimiento y la emancipación social*. México: Siglo XXI – CLACSO, 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- VARGAS, Carla Valdespino. *De noches, dioses y criaciones. Un acercamiento a “Relatos del Viejo Antonio” del subcomandante Marcos*. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2009.
- VOS, Jan de. *Una tierra para sembrar sueños. Historia reciente de la Selva Lacandona (1950-2000)*. México: FCE, CIESAS, 2002.
- ZIBECHI, Raúl. *Política e Miseria. Una propuesta de debate sobre la relación entre el modelo extractivo, los planos sociales y los gobiernos progresistas*. Buenos Aires: Lavaca, 2010.